Relato de experiência - Dando Voz às Vozes

Beatriz Migliorini Anacleto

CRP 08/36774

Após participar de um grupo de estudos em psicanálise e entrar em contato com o trabalho da profissional Loraine Oltmann, referência em pesquisas na área da Luta Antimanicomial e Psicanálise, me interessei pela abordagem dos grupos de Ouvidores de Vozes frente aquilo que eu apenas conhecia como “alteração de sensopercepção”, ou sintoma, como a psiquiatria reconhece a audição de vozes. Após me debruçar sobre teóricos e defensores dessa abordagem, decidi iniciar um Grupo dentro do CAPS no qual atuo, considerando desde o princípio os possíveis ganhos e desafios de uma visão divergente da hegemonia médica para a Saúde Mental dentro do serviço.

Por um breve período, alguns estranhamentos e dúvidas surgiram por parte de membros da equipe e dos próprios usuários em relação ao Grupo de Ouvidores, as quais eram esclarecidas em reuniões de equipe ou no próprio Grupo. Contávamos com uma média de 5 participantes por semana. Paulatinamente, mais usuários interessaram-se pela proposta, e atualmente somos cerca de 12 a 15 integrantes. Durante o período de desenvolvimento e amadurecimento do grupo, todos os participantes, incluindo eu mesma enquanto facilitadora, construímos este novo espaço de cuidado, que consiste mais em ajudar-se mutuamente a partir do compartilhamento de experiências de vida que em adequar-se a ações e medicamentos prescritos a partir de um diagnóstico.

Por ser uma experiência altamente estigmatizante, a audição de vozes pode fazer com que o usuário se veja sozinho e alienado, muitas vezes privado dos direitos à liberdade, autonomia e convívio social. Com frequência, a partir do diagnóstico de Esquizofrenia, por exemplo (comum, porém não exclusivo dentro do grupo de Ouvidores), familiares de usuários buscam afastá-lo de suas atividades laborais ou relacionais. Nesse sentido, percebo através da experiência com o Grupo, os efeitos concretos da partilha de experiência que possibilita a desalienação do usuário em sofrimento e a ele permite contato tanto com as possibilidades do “ser” quanto as do “fazer”.

Isto significa, em termos práticos, retomar atividades cotidianas como ir ao mercado ou à padaria, iniciar um curso profissionalizante, retomar um vínculo empregatício, iniciar atividades físicas e criar novos vínculos afetivos. Além disso, compreender as vozes como, muito além de um sintoma, uma experiência humana, intrinsecamente ligada ao processo de subjetivação de cada um, produz efeitos de melhoria observáveis na qualidade da autoimagem e autoestima dos usuários, demovendo-os de um lugar de Doença para um lugar de Pessoa, de Sujeito.

Materiais como argila, tinta, papel e caneta, poemas e filmes são utilizados frequentemente nos grupos, com temáticas propostas pelos participantes, para estimular as capacidades expressivas e aprofundar o nível de autoconhecimento a partir das correlações criadas entre o conteúdo das vozes e a história de vida de cada integrante.

Enquanto profissional de um serviço comunitário de Saúde Mental voltado a Reabilitação Psicossocial, os Ouvidores de Vozes, na partilha gentil de suas vivências, ensinaram-me muito sobre o cuidado. Particularmente, sobre o cuidado coletivamente produzido a partir da criação de laços baseados em empatia e respeito à diversidade de formas de estar e ser no mundo. Ao retirarmos a audição de vozes do campo da sintomatologia e a colocá-la no campo da experiência humana, o grupo tensiona saberes da área médica e psicológica que desconsideram a singularidade dos sujeitos, ao passo em que individualizam questões sócio-culturais e atuam de forma acrítica para o fortalecimento de práticas hegemônicas manicomiais.